



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
CURSO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA**

VITOR CÂNDIDO COSTA FERNANDES

**ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS E UTILIZAÇÃO DA MEDICINA
POPULAR NA ZONA RURAL DA CIDADE DE UIRAÚNA-PB**

Cajazeiras - PB

2015

VITOR CÂNDIDO COSTA FERNANDES

**ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS E UTILIZAÇÃO DA MEDICINA
POPULAR NA ZONA RURAL DA CIDADE DE UIRAÚNA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador

Prof. Dr. José Deomar de Souza Barros.

Cajazeiras - PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

F363a Fernandes, Vitor Cândido Costa

Acidentes com animais peçonhentos e utilização da medicina popular na zona rural da cidade de Uiraúna- PB. / Vitor Cândido Costa Fernandes. Cajazeiras, 2015.

53f. il.

Bibliografia.

Orientador (a): Prof. José Deomar de Souza Barros.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

VITOR CÂNDIDO COSTA FERNANDES

**ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS E UTILIZAÇÃO DA MEDICINA
POPULAR NA ZONA RURAL DA CIDADE DE UIRAÚNA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Deomar de Souza Barros
UACEN - CFP - UFCG
Orientador

Prof. Me. Hugo da Silva Florentino
UACEN - CFP - UFCG
Examinador

Profa. Ma. Janierk Pereira de Freitas
RECURSOS NATURAIS - CTRN - UFCG
Examinador

À Minha família, em especial minha inesquecível avó Idelzuite Vieira.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe por todo sacrifício, minhas irmãs pelo apoio, minha tia Joana Dark por sempre me levar para o caminho do estudo e meu tio Pedro Costa pelo incentivo.

Aos professores do CFP pela contribuição, em especial meu orientador José Deomar de Souza Barros pela paciência e ensinamentos.

Aos amigos de curso: José Cicero, Firmino Inácio, Francisco Gadelha, Janicarla Lins, Jennyffer Oliveira, Kamila Lins, Silvana Formiga e Williane Araújo pela ajuda e incentivo durante todo curso.

Aos meus Grandes amigos, que sem os quais esta caminhada se tornaria mais difícil.

À banca examinadora pelas relevantes contribuições.

À UFCG pela oferta do curso e pela oportunidade da formação acadêmica.

“O campo da derrota não está povoado de fracassos, mas de homens que tombaram antes de vencer”. Abraham Lincoln

RESUMO

No Semiárido brasileiro, podemos encontrar uma diversidade de animais peçonhentos, incluindo aqueles tratados como mais perigosos como serpentes, escorpiões e aranhas. Os acidentes envolvendo estes animais geralmente ocorrem em zonas rurais remotas. As pessoas podem se tratar destas ocasiões ou outras diferentes, através dos conhecimentos sobre plantas e partes de animais, utilizando assim métodos alternativos conhecidos como medicina popular. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo investigar a ocorrência de acidentes envolvendo animais peçonhentos e a utilização da medicina popular na zona rural da cidade de Uiraúna-PB. A pesquisa foi realizada na zona rural da cidade de Uiraúna – PB, para a realização da referida pesquisa foram selecionadas dez comunidades rurais, utilizando-se uma amostra randomizada de 53 pessoas, incluíram-se no estudo todas as famílias das comunidades pesquisadas, cujas casas estivessem abertas por ocasião da visita do pesquisador e que tivessem um responsável adulto disponível para responder o formulário, além de aceitar participar voluntariamente da pesquisa. Os resultados obtidos indicam que quanto ao que consideram como animal peçonhento 94,33% afirmaram que se tratam de animais venenosos. Quando perguntados sobre quais animais peçonhentos conheciam, todos os entrevistados afirmaram conhecer: serpente, aranhas e escorpiões. Outros animais como abelhas e lacraias também foram citados. Todos os entrevistados afirmaram já ter se deparado com algum animal peçonhento, apresentando diversas reações, sendo matar o animal a principal. A maioria dos entrevistados afirmou perceber a diminuição destes animais com o passar do tempo, principalmente pela matança; 30% dos entrevistados afirmou ter sofrido ataque por este tipo de animal. Segundo relato dos entrevistados os ataques ocorreram durante as atividades laborais e os mesmo relataram não usar equipamentos de proteção. Dos que sofreram ataque, 37,5% procuraram ajuda medica, os demais utilizaram receitas caseiras para se tratar. Alguns utilizam receitas através de plantas e partes de animais, não apenas para envenenamento com animais, mas também outros tipos de enfermidades. O aparecimento de animais peçonhentos na zona rural de Uiraúna – PB é bastante frequente, e os ataques ocorrem frequentemente, assim como a utilização de métodos alternativos, que necessitam ser melhor estudados, para o tratamento das pessoas acometidas..

Palavras - chave: Semiárido brasileiro. Animais peçonhentos. Acidentes. Medicina popular.

ABSTRACT

In the Brazilian semi-arid You can find a variety of venomous animals, within this ecosystem we can find a variety of venomous animals, including those treated as more dangerous as snakes, scorpions and spiders. Accidents involving these animals usually occur in remote rural areas and the most involved animals are snakes Bothrops, yellow scorpions and spiders Loxosceles. People deal with these occurrences, through the knowledge of plants and animal parts, thus utilizing alternative methods known as folk medicine. Thus, this work aimed to investigate the occurrence of accidents involving poisonous animals and the use of folk medicine in the rural town of Uiraúna-PB. The survey was conducted in the rural town of Uiraúna - PB. For the research ten rural communities were chosen. using a random sample of 53 people, are included in the study all the families of the surveyed communities, whose homes were open during the visit of the researcher and have a responsible adult available to answer the form, besides agreeing to participate voluntarily in the research. The results indicate that as to what they consider as an venomous animals 94.33%, where said that these are poisonous animals. When asked which venomous animals they knew, all respondents said they knew: snake, spiders and scorpions. Other animals like bees and centipedes were also cited. All respondents said they had come across some venomous animal, presenting various reactions, and killing the animal was the primary. Most respondents said they notice the reduction of these animals over time, especially for the slaughter; 30% of respondents claimed to have suffered attack by this type of animal. According to the interviewees the attacks occurred during work activities and even reported not wear protective gear. Of those who suffered attack, 37.5% sought medical help, others used home recipes for treatment. Some revenue through use of plant and animal parts, not only for animal attack, but also other types of diseases. The appearance of poisonous animals in rural Uiraúna - PB quite frequently, and the attacks often occur, as well as the use of alternative methods, which need to be better studied for the treatment of people affected

Keywords: Brazilian semi-arid. Poisonous animals. Accidents. Folk medicine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da região semiárida.....	13
Figura 2 – Uiraúna no mapa da PB.....	24
Figura 3 – Nível de escolaridade dos entrevistados.....	27
Figura 4 – Frequência absoluta de encontros com animais peçonhentos.....	29
Figura 5 – Percentual de ataques por animais peçonhentos.....	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Reações dos entrevistados ao encontro com animal peçonhento.....	29
-----------------	--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. Objetivos.....	12
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos específicos.....	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3.1 Semiárido brasileiro.....	13
3.2 Animais peçonhentos.....	15
3.2.1 Serpentes.....	16
3.2.2 Escorpiões.....	18
3.2.3 Aranhas.....	19
3.3 Etnoconhecimento.....	20
3.4 Medicina Popular.....	21
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
4.1 Caracterização da área de estudo.....	24
4.2 Classificação da pesquisa.....	25
4.3 Técnica de Coleta.....	25
4.4 Amostra e amostragem.....	26
4.5 Análise dos dados.....	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou realizar um levantamento acerca dos acidentes ocorridos devido à presença de animais considerados peçonhentos na zona rural da cidade de Uiraúna-PB. Segundo Oliveira (2013), animais peçonhentos podem ser serpentes, escorpiões, aranhas e até abelhas e maribondos.

Além do estudo envolvendo tais acidentes, a pesquisa também buscou determinar de que forma as pessoas atacadas por espécies consideradas peçonhentas tratam o ferimento, e se fazem prática da medicina popular. Pois de acordo com Fehlberg (2001), trabalhadores rurais tem pouco acesso à saúde pública ou informações limitadas, fazendo assim uso de métodos alternativos (medicina popular ou determinados rituais) para tratar as doenças por conta própria.

Ao analisar as variáveis tanto dos acidentes quanto do uso de tratamentos alternativos podemos associa-las, determinando que tipo de tratamento é mais utilizado e/ou mais adequado para tratar ferimentos causados por acidentes com determinada espécie.

As reações que as pessoas com pouca ou nenhuma orientação tomam ao se deparar com algum animal peçonhento podem vir a causar danos na natureza, visto que muitos optam por matar o animal. Assim como o uso dos tratamentos alternativos, que podem, além de não tratar adequadamente do ferimento, causar maiores prejuízos à vítima.

Através dos resultados obtidos os dados da pesquisa poderão ser utilizados para auxiliar na implantação de políticas públicas voltadas para a preservação ambiental, prevenção e tratamento dos acidentes.

Assim, a presente pesquisa procurou responder ao seguinte questionamento: Quais os relatos de acidentes por animais peçonhentos e práticas utilizadas por trabalhadores acometidos por tais acidentes em comunidades rurais da Cidade Uiraúna - PB?

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Investigar a ocorrência de acidentes envolvendo animais peçonhentos e a utilização da medicina popular na zona rural da cidade de Uiraúna-PB

2.2. Objetivos específicos

- Identificar o perfil socioeconômico das pessoas pesquisadas;
- Avaliar os conhecimentos dos entrevistados acerca de animais peçonhentos e dos tratamentos utilizados;
- Verificar a frequência de acidentes com animais peçonhentos;
- Investigar se as ocorrências foram tratadas com conhecimentos da medicina popular;
- Conhecer as práticas de medicina popular utilizadas para o tratamento de pessoas que sofreram acidentes com animais peçonhentos;
- Avaliar se as práticas da medicina popular utilizadas pelas pessoas acometidas obtiveram resultados positivos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Semiárido brasileiro

O semiárido brasileiro, de acordo com Novais et al. (2003), ocupa 11,5% de todo território nacional, especificamente a região nordeste juntamente com o norte do estado de Minas Gerais de acordo com Cândido et al. (2008), e 74,3% da região nordeste segundo Paes et al. (2004), abrangendo 1.133 municípios de acordo com Silva et al. (2010), e com uma área de 969.589 quilômetros quadrados, entrando em consenso com Campos et al. (2014), que ainda informa que o semiárido brasileiro é a maior região do mundo com essa característica. Silva et al. (2010) ainda conclui que o semiárido brasileiro conta com uma população de 21 milhões de pessoas, e que o crescimento urbano entre 1991 e 2000 teve uma alta de 26%, devido às atividades econômicas nas cidades e a falta de apoio aos agricultores. Porém, de acordo com Campos et al. (2014), esta região ainda concentra a maior população rural do Brasil.

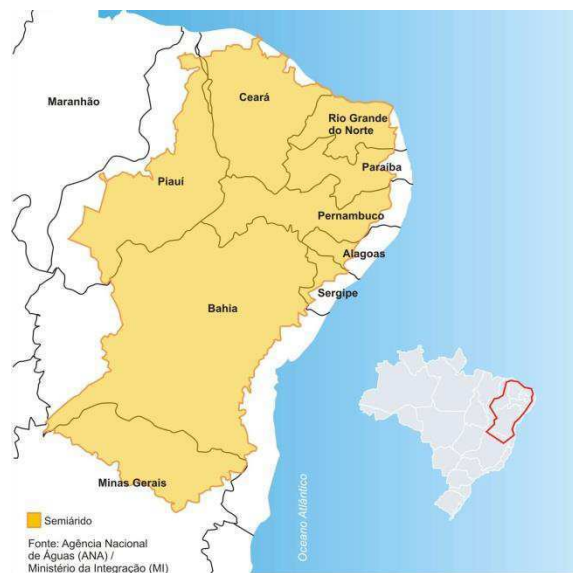


Figura 01 - Mapa da região semiárida. Fonte: <http://caritas.org.br/povos-do-semiarido-resistem-e-mostram-como-e-possivel-superar-a-pobreza/23672>

O termo semiárido indica que estamos falando de uma região com aridez, e Cezar et al. (2004), diz que o clima predominante na região é tropical seco. Conforme CPRM (2005), esta região pode também ser considerada de acordo com

a classificação climática de Koppen Geiger como clima BSH, com uma estação chuvosa de 4 a 6 meses, seguida por uma estação seca de 6 a 8 meses. Silva et al. (2010) considera que o prolongamento do período seco anual eleva a temperatura local, caracterizando a aridez sazonal.

A composição vegetal do semiárido, de acordo com Paes et al. (2004), se constitui principalmente de uma variedade de espécies arbóreas e arbustivas (Caatinga). No entanto Janzen (1997) o considera um dos ecossistemas mais ameaçados do planeta, devido principalmente as atividades humanas em desacordo com as características locais.

A hidrografia é totalmente dependente do ritmo climático, diz Silva et al. (2010), e conclui que as secas são caracterizadas tanto pela ausência quanto pela variação espacial e temporal de chuvas. Essa dependência se agrava quando se sabe que de acordo com Silva et al. (2010), o solo cristalino limita o acesso à aquíferos subterrâneos, visto ainda que a água contida nestes reservatórios, devido à composição do solo, torna-se de baixa qualidade para o consumo, pois a grande quantidade de sais a torna salobra. Para Campos et al. (2014) a estiagem recente no semiárido brasileiro se enquadra no comportamento previsível do tipo climático, com suas chuvas irregulares, no tempo e no espaço geográfico.

Segundo Cirilo (2008) a expressão *semiárido* normalmente é utilizada para descrever o clima e as regiões onde ocorrem precipitações anuais médias 250 e 500 mm, ficando dentro do padrão citado por Silva et al. (2010), que considera que essa média esteja entre 268 e 800 mm. Já Campos et al. (2014) diz que a distribuição de chuvas é um processo relativo, e que em determinadas regiões a média anual é de 300 mm e em outras pode chegar a 800 mm. Cirilo (2008) ainda afirma que as plantas do semiárido perdem as folhas nos meses mais secos.

No semiárido brasileiro encontramos a vegetação de Caatinga, para Silva et al. (2010) uma característica marcante desta região, que segundo Albuquerque e Andrade (2002) cobre uma vasta área da região Nordeste do Brasil e se caracteriza pela deficiência hídrica, que se origina pelos baixos índices pluviométricos e/ou pela irregular distribuição das chuvas. A composição de árvores e arbustos já citados, para Sampaio (1995) ainda é pouco conhecida, contando com 399 espécies arbustivas e arbóreas.

A Caatinga, para Silva et al. (2010) constitui, hoje, um dos biomas brasileiros mais ameaçados devido ao mau uso dos seus recursos, com desertificação e perda gradual de fertilidade biológica. Segundo Campos et al. (2014) a Caatinga vem enfrentando um processo sistemático de devastação, tendo sido devastados 16.570 quilômetros quadrados nos últimos seis anos, e os estados da Bahia e do Ceará são os que mais contribuem com essa devastação.

Santos e Brito (2007) afirmam que muitos fatores podem modificar o clima de uma região, como o desflorestamento e o mau uso dos ecossistemas. De acordo com os autores esses fatores alteram o clima regional, como é o caso do semiárido brasileiro.

O Semiárido brasileiro apresenta características próprias, caracterizado principalmente devido à irregularidade das chuvas, tornando-o um ambiente que pode variar de acordo com os meses, e também devido à devastação causada pelo ser humano, o que faz com que o semiárido perca um pouco de suas características naturais.

O local de estudo acha-se inserido no denominado “polígono das secas”, constituindo um tipo *semiárido* quente e seco, segundo a classificação de Koppen (1956). O índice pluviométrico é baixo e irregular com médias entre 400mm e 600mm ao ano. A vegetação é de pequeno porte, onde se destacam cactáceas, arbustos e árvores de pequeno a médio porte.

3.2. Animais peçonhentos

No Semiárido brasileiro podemos encontrar uma grande diversidade da fauna peçonhenta, como abelhas, vespas, lacraias e até mesmo o potó. Porém, entre aqueles com maior importância médica estão as serpentes, escorpiões e aranhas. Estes animais se caracterizam por atacar pessoas quando ameaçados, injetando assim uma considerável quantidade de veneno nos tecidos do corpo, podendo eventualmente, e dependendo da espécie, o ataque ser letal.

Para muitos autores, acidentes ocasionados por animais peçonhentos são um grande problema social, visto que geralmente ocorrem em países subdesenvolvidos e em áreas rurais remotas.

3.2.1. Serpentes

Dentre os casos envolvendo acidentes com animais peçonhentos é evidente que os acidentes ofídicos (envolvendo serpentes) são os mais letais, e por isso os estudos para desenvolvimento de soros antiofídicos são mais frequentes.

O primeiro estudo epidemiológico de acidentes ofídicos foi realizado por Vital Brazil em 1901, quando levantou o número de óbitos por picadas de serpentes peçonhentas no Estado de São Paulo, registrando 63, 88 e 104 óbitos em 1897, 1899 e 1900, respectivamente (BOCHNER E STRUCHINER, 2003, p. 8).

Após o trabalho realizado por Vital Brazil (1901), todos os demais trabalhos realizados sobre acidentes ofídicos buscam analisar as mesmas variáveis observadas pelo referido autor. Como cita Bochner et al. (2003, p. 9):

A grande maioria dos estudos epidemiológicos sobre acidentes ofídicos realizados no Brasil nos últimos 100 anos se limitaram a analisar as mesmas variáveis já apresentadas por Vital Brazil em seu *Boletim para Observação de Accidente Ophidico*, ou seja, sexo e idade da vítima, mês de ocorrência do acidente, local da picada, gênero da serpente, tempo decorrido entre o acidente, o atendimento e a evolução.

E para Mandrin et al. (2005) quando as serpentes se sentem ameaçadas pela presença humana, executam um comportamento de defesa e atacante a quem estiver próximo, causando assim um acidente ofídico. Ainda afirma que nestes eventos pode ocorrer perfuração ou até dilaceração dos tecidos, mas que ocasionalmente o veneno pode não ser injetado na vítima.

Para moradores de países tropicais, de acordo com Pinho et al. (2004), acidentes ofídicos geram um grande problema de saúde pública, devido ao grande número de eventos e a taxa de mortalidade que estes causam. Tal afirmação está em consenso com o que diz Costa (2004), quando afirma que acidentes com serpentes são um grave problema em muitas partes do mundo, mas principalmente em regiões tropicais, onde constituem um grande problema de saúde pública. O Brasil, por ser um país tropical, e de muitos ecossistemas está muito susceptível aos

aparecimentos de diversas espécies de serpentes, como afirma Guimarães (1977), quando diz que em todas as regiões do Brasil há grandes números de serpentes, variando apenas as espécies.

De acordo com Cagliari (2008) o Brasil possui uma fauna ofídica contendo 321 espécies, em 9 famílias e 75 gêneros, sendo assim considerada de grande riqueza. E segundo Bochner e Struchiner (2003) a grande maioria dos acidentes registrados com serpentes peçonhentas (90,5%) envolvem as espécies *Bothrops*, conhecida popularmente como Jararaca. A afirmativa de Bocher e Struchiner (2003) pode ser fortalecida por Oliveira et al. (2013), que afirmam que o gênero *Bothrops* foi responsável pela maioria dos acidentes envolvendo serpentes peçonhentas, confirmando dados de outras regiões do país para a zona rural.

Na Paraíba já foram realizados alguns estudos epidemiológicos sobre acidentes ofídicos, porém, esse perfil não pode ser traçado de forma precisa, devido a quantidade de dados ignorados e não registrados que existem (CAGLIARI, 2008). Segundo Oliveira (2013) isto ocorre porque os pacientes não procuram atendimento em serviços de saúde.

Em sua pesquisa Cagliari (2008) percebeu que 86,5% das intoxicações são em ambientes rurais. Daí pode-se saber o motivo pelo qual na maioria dos estudos sobre este tipo de acidente os principais acometidos são do sexo masculino, pois para Rojas et al. (2007, p.200) “a maior ocorrência de acidentes com pessoas do sexo masculino, provavelmente deve-se a maior frequência com que os homens realizam atividades no campo, seja por trabalho ou até mesmo lazer.” O referido autor afirma que os acidentes com animais peçonhentos no Brasil afetam mais pessoas do sexo masculino, trabalhadores rurais e em faixa etária produtiva.

Porém além das serpentes, Oliveira (2013) afirma que outros tipos de animais peçonhentos se destacam, como é o caso de alguns artrópodes, principalmente escorpiões e aranhas. Outros menos letais como maribondos e abelhas também são considerados peçonhentos. E na pesquisa feita por Oliveira (2013), acidentes com maribondos e abelhas foram relatados em 51,5% e em 39,6% dos agricultores, e segundo o próprio autor, mesmo estes animais não sendo dos mais perigosos, o ataque pode se tornar fatal em caso de hipersensibilidade, podendo apenas uma picada levar um indivíduo a morte por choque anafilático.

3.2.2. Escorpiões

Os escorpiões podem ser citados, assim como as serpentes, em um grupo particular de animais peçonhentos. Szilagyi (2007) acredita que a falta de conhecimentos sobre aspectos fundamentais sobre ecologia de escorpiões, bem como distâncias de dispersão e alcance de áreas domiciliares, impede o esforço de estudos sobre o real motivo dos registros desses animais em residências. Tal afirmativa pode ser completada quando McIntyre (1999) afirma em consequência desta falta de conhecimento, uma averiguação na distribuição de escorpiões em áreas ocupadas pelo homem ajudaria a providenciar uma base de conhecimento para possibilitar o desenvolvimento de ações que possibilitassem mais esforços nos estudos destes animais, facilitando assim o manejo dos mesmos e evitando acidentes tanto para os animais quanto para as pessoas.

No entanto o próprio Szilagyi (2007) considera que a maioria dos estudos acerca de escorpiões no Brasil trata-se de pesquisas sobre acidentes.

De acordo com Candido (2008) atualmente existem 13 famílias de escorpiões, sendo que a família *Buthidae* representa 60% da fauna escorpiônica brasileira. Ainda segundo o autor, tal família representa o grupo mais importante do ponto de vista epidemiológico, visto que a ela pertencem as espécies que mais representam perigo para o ser humano. Porém de acordo com Polis (1990) das 1500 espécies que existem no mundo, apenas 25 podem causar acidente fatal a uma pessoa, porém todas as espécies contêm telson e glândulas de veneno, ou seja, todos os escorpiões possuem veneno e podem injetá-lo através do ferrão localizado na extremidade do telson.

A espécie de escorpião mais perigosa do Brasil, de acordo com Mineo et al. (2003), é o escorpião amarelo, *Tityus Serrulatus*, encontrado mais frequentemente em cidades. Só para se ter uma ideia, de acordo com Cupo et al (2003), de 1982 a 2000 foram registrados no Centro de Controle de Intoxicações de Ribeirão Preto 9228 pacientes, sendo que em 72,5% dos casos a espécie era *Tityus Serrulatus*.

Cupos et al. (2003) diz ainda que os acidentes com escorpiões podem ser:

- Leves: somente presente a sintomatologia local, sendo a dor referida em praticamente 100% dos casos;
- Moderados: além dos sintomas locais, também estão presentes manifestações sistêmicas, como náuseas e vômitos;

- Graves: as manifestações sistêmicas são bastante evidentes e intensas, chegando inclusive a levar a vítima a ter espasmos musculares.

O homem está constantemente ameaçado por escorpiões, visto que de acordo com Candido (2008) todos estes são terrestres e procuram esconderijo em habitações humanas, e muitas vezes, para se esconder da claridade, procuram refúgio em sapatos ou peças de roupas deixadas no chão.

De acordo com o ministério da saúde, a gravidade dos acidentes provocados por escorpiões varia conforme a quantidade de veneno injetada, o local da picada, a sensibilidade da pessoa ao veneno, bem como a toxicidade deste para humanos.

3.2.3. Aranhas

As aranhas também constituem um caso específico de animais peçonhentos, que de acordo com Brazil et al. (2009) constituem dos grupos zoológicos de maior abundância e diversidade no planeta, sendo conhecidas 40.000 espécies em 110 famílias.

De acordo com Cupo et al. (2003) no Brasil existem três gêneros de aranhas de importância médica, são estes: *Phoneutria*, *Loxocles* e *Latrodectus*, que segundo Brazil (2009), todos pertencem à mesma subordem, *Araneomorphae*. Ainda de acordo com o autor, os acidentes provocados por *Megalomorphae* (caranguejeira), tipo de aranha muito temida pelo ser humano, são destituídos de maior importância. Também trata-se de um grupo de animal que está constantemente ameaçando o homem, pois ainda de acordo com Cupo et al. (2003) são animais com hábitos domiciliares. Dos 7191 acidentes envolvendo animais peçonhentos registrados no Centro de Controle de Intoxicação de Ribeirão Preto, 383 (5,32%) foram causados por aranhas, e destes 126 (32,9%) por *Phoneutria*, 23 (6%) por *Lycosa*, 8 (2,1%) *Loxocles*, 11 (2,8%) por *Megalomorphae* e 215 ou 56,1% dos casos não foram identificados o tipo de aranha.

Para Chenet et al. (2009), o grupo *Loxocles* não é formado por espécies agressivas, porém causam a forma mais grave de araneísmo no Brasil. O Gênero *Loxocles*, ainda constituem, de acordo com a afirmação de Bredt e Litchteneker (2012), 40% dos acidentes araneídeos no Brasil.

No Brasil, de acordo com Brazil et al. (2009), anualmente são causados 5.000 acidentes envolvendo aranhas, dos quais 400 são registrados na região Nordeste.

Cupo et al. (2003) também conclui que os níveis de envenenamento por aranhas são os mesmos para aqueles com escorpiões, ou seja; leve, moderado e grave.

Os ataques geralmente ocorrem como forma de defesa, segundo Chenet et al. (2009), quando comprimidas contra o corpo humano durante o sono, no momento do uso das vestimentas, onde estes animais podem buscar abrigo ou no manuseio de objetos de trabalho. Concordando com Bredt e Litchteneker (2012), quando dizem que os acidentes estão relacionados sobretudo aos atos de vestir e dormir, atingindo com maior frequência coxas, nádega, tronco e braço.

Assim, torna-se importante estar sempre atento aos fatores de risco como calçar um sapato ou vestir uma camisa, e também ter a consciência dos animais que são realmente peçonhentos.

3.3. Etnoconhecimento

O meio-ambiente nos proporciona uma gigantesca gama de recursos, seja animal ou vegetal, para que possamos usá-los das mais diversas formas. Porém para isso é necessário saber até onde podemos ir e utilizar estes recursos de forma sustentável. Desta forma Barros (2013) avalia que a etnobiologia preocupa-se por compreender a forma que determinadas populações percebem e conhecem o mundo biológico, considerando as formas pelas quais os recursos naturais são convertidos em produtos úteis. Desta forma Posey (1986, p.15) também afirma que a etnobiologia é

Essencialmente um estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Em outras palavras, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Neste sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo.

Estudos desenvolvidos pela ecologia e etnoecologia, segundo Anéas et al. (2001), têm mostrado a diversidade e a extensão dos saberes e das técnicas desenvolvidas por comunidades tradicionais. Desta forma, a mesma autora conclui

que as etnociências são citadas entre os enfoques que mais tem contribuído para o estudo do conhecimento de populações locais.

Muitas pessoas fazem uso de recursos naturais em demasia sem compreender os danos que são causados à natureza, porém ao levarmos em conta a crescente onda de urbanização que vem nos atingindo nas últimas décadas destacamos uma diminuição no uso de recursos naturais, visto que pessoas provenientes da zona rural ao migrarem para a zona urbana aderem à medicina oficial, excluindo ou pouco utilizando a tradicional (uso de plantas e animais).

Podemos levar em consideração a afirmação de Medeiros et al. (2014) quando destaca que muitos estudos revelam que após a migração para grandes centros urbanos, é comum a adesão desses povos a padrões globais de consumo, o que inclui o sistema oficial de saúde. Desta forma podemos perceber o quanto é forte a prática da medicina tradicional e o uso de recursos naturais em ambientes rurais, principalmente aqueles mais remotos.

O desenvolvimento de alternativas sustentáveis para a manutenção da biodiversidade torna-se cada vez mais presente no mundo científico, pois de acordo com Barros (2013) o saber tradicional não está restrito apenas a organismos, mas também à compreensão do funcionamento da natureza como um todo. Conhecimentos esses que foram por muito tempo desvalorizados por vários segmentos, mas que hoje tem gerado resultados positivos para o conhecimento científico.

3.4. Medicina popular

Fehlberg (2001) considera que de todos os acidentes sofridos por trabalhadores rurais durante as atividades no campo, 9,8% são ocasionados por animais peçonhentos, porém este número poderia ser maior, visto que Fehlberg (2001) ainda considera que trabalhadores da zona rural por trabalharem por conta própria não tem carteira assinada e não registram a ocorrência dos acidentes. E muitos desses trabalhadores por terem o acesso à saúde pública dificultado ou por não terem nenhum tipo de informação que lhes faça procurar ajuda especializada, acabam por tratar dos ferimentos por conta própria, concordando assim com Salles

et al. (2007), que afirmam que a população acaba utilizando receitas caseiras devido à falta de informação sobre primeiros socorros. Com isto Oliveira (2013, p.634) diz:

Conhecer de que forma as populações locais lidam com esses acidentes torna-se relevante, pois muitas das práticas por eles utilizadas no tratamento desses casos podem trazer complicações à saúde, colocando em risco a vida das pessoas. Essas práticas precisam ser catalogadas, visto que podem ser úteis em programas educacionais preventivos.

Ainda Oliveira (2013) afirma que “o tratamento imediato empregado por trabalhadores rurais geralmente inclui medicina popular e simpatias ou rituais religiosos e [...] O tempo decorrido entre o acidente, atendimento e tipo de envenenamento pode elevar a letalidade em até oito vezes essa taxa.”

O tratamento caseiro para acidentes com esses animais inclui uso do fumo, cuspir na boca da pessoa picada, subir em cima de uma cadeira, urinar no ferimento, beber cachaça com alho, usar banha do índio e álcool no local da picada, e, no caso de acidentes com marimbondos, colocar a enxada sobre o ferimento (OLIVEIRA, 2013, p. 639)

Apesar de pouco recomendados, muitos tratamentos alternativos são de grande eficácia no combate não apenas aos envenenamentos por animais, mas também por vários tipos de doenças. “Segundo o Ministério do Meio Ambiente, pelo menos 150 produtos de origem vegetal são reconhecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como de real valor terapêutico” (OLIVEIRA, 2010). Sendo que muitas destas terapias são recomendadas por médicos a fim de fortalecer o combate a determinado tipo de enfermidade.

No Brasil, de acordo com Santos (1995), muito se recebeu de influência dos africanos e dos indígenas da terra; raizeiros, parteiras e população em geral utilizam ervas medicinais em um verdadeiro sincretismo de concepções. Segundo a autora, apesar de existirem estudos sobre o uso, eficácia e toxicidade, de plantas medicinais, a literatura científica ainda é pobre em descrever o que pensam as populações a esse respeito, os conhecimentos que possuem, a crença e os tratamentos feitos com remédios caseiros.

Apesar do uso frequente de plantas para fins terapêuticos, há também quem procure isso em animais, é o que chamamos de zooterapia. Costa-Neto (1999) afirma que por muito tempo uma atenção maior foi voltada à divulgação da flora

medicinal, deixando os estudos sobre animais medicinais em segundo plano. Porém, trabalhos de antropólogos, etnobiólogos e etnofarmacólogos demonstraram que, na ecologia da interação homem/animal destaca-se a utilização medicinal de recursos animais em diferentes sociedades.

Esta maior procura por plantas na medicina alternativa pode se dar pelo que destaca Silva et al. (2004), quando diz que há, indiscutivelmente, um predomínio de recursos vegetais sobre os animais e minerais.

Costa-Neto (1999, p.70) ainda define zooterapia como: a cura de doenças humanas pelo uso de matérias-primas obtidas de animais ou que deles são derivadas. Sendo ainda estes conhecimentos transmitidos de geração a geração especialmente por tradição oral. Apesar de Costa-Neto (2006) afirmar que esta palavra possui outros significados como o tratamento de doenças que acometem animais, porém a definição que nos interessa é a já acima citada.

Embora muitos afirmem que as formas de tratamento supracitadas sejam de real eficácia, não é sensato recorrer apenas a tais tipos de tratamentos. É necessário que haja uma busca por profissionais na área da saúde, os quais poderão detectar os reais problemas pelos quais o paciente está passando. Porém, não se pode desvalorizar conhecimentos tradicionais que vem sendo utilizados por populações locais há muito tempo.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1. Caracterização da área de estudo

O estudo foi realizado na zona rural da cidade de Uiraúna - PB. A referida cidade está localizada na região oeste da Paraíba, distante 464,1 quilômetros da capital João Pessoa e tendo uma área total de 261,6 quilômetros quadrados, tendo uma população total de 14.584 habitantes, sendo então uma densidade de 49,52 de habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2008).

A cidade de Uiraúna está localizada na microrregião de Cajazeiras, fazendo divisa ao norte com as cidades potiguares Luís Gomes e Paraná; ao sul com a cidade paraibana São João do Rio do Peixe; ao leste com Vieirópolis e a oeste com Joca Claudino e Poço José de Moura.

O município foi criado pela lei número 972 de 02 de dezembro de 1952. No setor de saúde o serviço é prestado por 13 unidades ambulatoriais e 3 hospitais com 49 leitos. A agropecuária e o comércio constituem as principais atividades econômicas da comunidade.



Figura 02 - Localização de Uiraúna no mapa da Paraíba. Fonte: CPRM (2005)

4.2. Classificação da pesquisa

Conforme Barros e Silva (2010) do ponto de vista de sua natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada; Pois tem como objetivo investigar, comprovar ou rejeitar hipóteses sugeridas pelos modelos teóricos, quanto a abordagem do problema a pesquisa tem características tanto qualitativa quanto quantitativa; na pesquisa qualitativa o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e objeto de estudo, e os dados coletados no mesmo são descritivos e a pesquisa quantitativa considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las; do ponto de vista de seus objetivos a pesquisa é classificada como descritiva, descrevendo características de uma determinada população, sem interferir ou modificar a realidade estudada e quanto aos procedimentos técnicos trata-se de um levantamento procurando descrever a distribuição das características que ocorrem naturalmente em grupos de populações.

4.3. Técnicas de coleta de dados

O município de Uiraúna conta atualmente com 61 localidades rurais ou sítios, para a presente pesquisa foram selecionadas 10 comunidades rurais, utilizando-se como critério de inclusão as comunidades com melhores condições de acesso para o pesquisador. O local escolhido para a pesquisa foi o ambiente rural, pois tais localidades estão mais susceptíveis ao aparecimento e ataques de animais peçonhentos, assim como os moradores destas regiões estão entre os que mais utilizam a medicina popular para tratar as enfermidades decorrentes dos ataques.

Os locais previamente escolhidos para serem feitas as entrevistas são as comunidades rurais Olho D'água Seco, Arrojado, Siriema, Estrema, Quixaba, Bujary, Capivara, Pocinhos, Tamandaré e Turim; todos localizados na cidade de Uiraúna, e com posicionamentos que favorecem o entrevistador no momento de entrada em campo.

As entrevistas foram realizadas utilizando-se como instrumento de coleta de dados um formulário, com questões objetivas e subjetivas. As entrevistas foram realizadas entre os dias 1º de novembro de 2014 a 11 de abril de 2015, foram realizadas 53 entrevistas, incluíram-se no estudo famílias, cujas casas estivessem abertas por ocasião da visita dos pesquisadores e que tivessem um responsável adulto disponível para responder o formulário, além de aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

4.4. Amostra e amostragem

No formulário constaram perguntas relacionadas ao foco do estudo e também informações básicas relacionadas aos aspectos sociais e econômicos dos entrevistados. Foram entrevistados 53 chefes de família das 10 comunidades rurais supracitadas.

4.5. Análise dos dados

Os dados quantitativos foram analisados por meio da média, moda e porcentagem. As informações qualitativas foram analisadas por meio da categorização das respostas dos entrevistados.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1. Aspectos socioeconômicos

Após análise dos resultados verificou-se que a maioria dos entrevistados é do sexo masculino (64,15%) e 36,85% do sexo feminino, resultados semelhantes foram encontrados por Barros et al. (2014) quando analisaram os aspectos socioeconômicos na microbacia hidrográfica do riacho Val Paraíso, localizada no Sertão paraibano, observando uma elevada diferença de gêneros referentes aos chefes de família, sendo 77,9% do sexo masculino.

A média de idade dos entrevistados ficou em 50,15 anos, tendo o entrevistado mais velho 77 anos e o mais novo 35 anos. Aproximando-se dos resultados encontrado por Barros et. al. (2014), onde todos os entrevistados apresentaram idade acima de 25 anos, dos quais 20,6% possuíam mais de 66 anos, concluindo assim que a ausência de atividades rentáveis na região faz com que os mais aptos migrem, permanecendo apenas idosos e crianças.

Quanto a escolaridade a maioria (56,60%) frequentou o ensino médio (Figura 03).

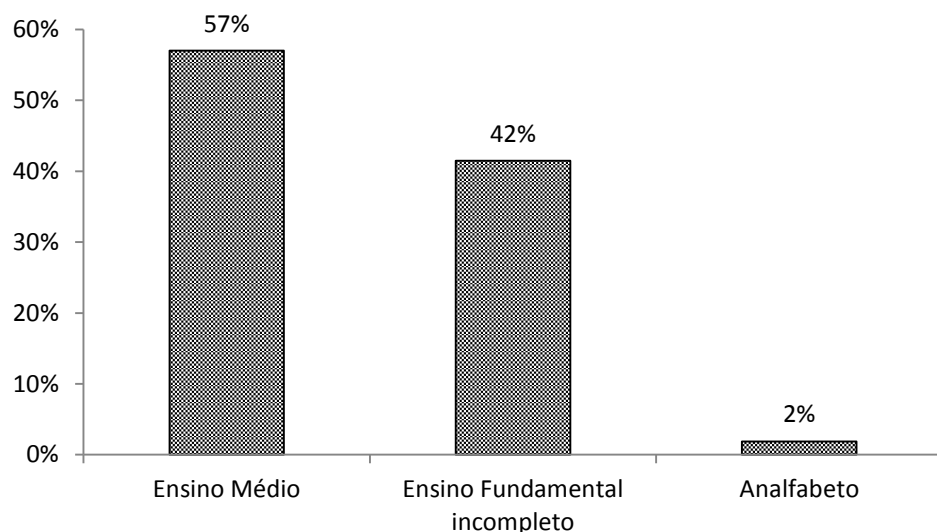


Figura 03. Nível de escolaridade dos entrevistados. Fonte: Dados da pesquisa

Tais números discordam drasticamente dos encontrados por Oliveira et al. (2012), ao realizar uma investigação em Cachoeira dos Índos – PB, encontrou uma taxa de 70% de analfabetos.

Mais da metade dos entrevistados (54,71%) afirmou ter uma renda mensal de até dois salários mínimos, 30,18% no entanto apresentaram renda de até um salário mensal e 11,32% acima de dois salários mínimos. Ninguém afirmou ganhar menos que um salário e 3,77% não souberam ou não quiseram informar a renda mensal da família. Oliveira et. al. (2012), ao analisar a percepção dos agricultores sobre desertificação e degradação ambiental no município de Cachoeira dos Índios/PB, constatou que 80% das famílias possuíam uma renda mensal inferior a um salário mínimo.

5.2. Aspectos relacionados aos acidentes por animais peçonhentos e medicina popular

A região semiárida está muito susceptível ao aparecimento de animais peçonhentos, segundo Lima et al. (2009), esta região agrega exposição e fatores de risco para o surgimento destes animais e, provavelmente, um possível ataque à seres humanos. Desta forma, torna-se importante conhecer a biologia e comportamento destes animais, principalmente por parte de pessoas que tem contato direto com o campo.

Ao serem questionados sobre o que são animais peçonhentos a maioria dos entrevistados, ou seja, 94,33% afirmou se tratar de animais venenosos, não concordando assim com a afirmativa de Moreira (2014) quando diz que existe uma diferença entre peçonha e veneno, sendo a peçonha produzida por glândulas de animais e injetadas nas vítimas através da pele, já o veneno pode ser produzido por plantas e animais e a toxina pode ser ingerida tanto por vias digestórias quanto respiratórias. 5,66% não souberam responder.

Ao serem perguntados sobre que animais eles conheciam como peçonhentos a maioria dos entrevistados sugeriu mais de um animal. As serpentes foram citadas em 100% das entrevistas, ou seja, 53 vezes; seguidas das aranhas

que foram citadas 36 vezes e dos escorpiões com 34 citações; 1 entrevistado afirmou que abelhas são animais peçonhentos e 15 citaram outros animais.

Quanto ao encontro com animais peçonhentos, 100% dos entrevistados afirmaram já terem se deparado com pelo menos um animal, conforme dados da Figura 04:

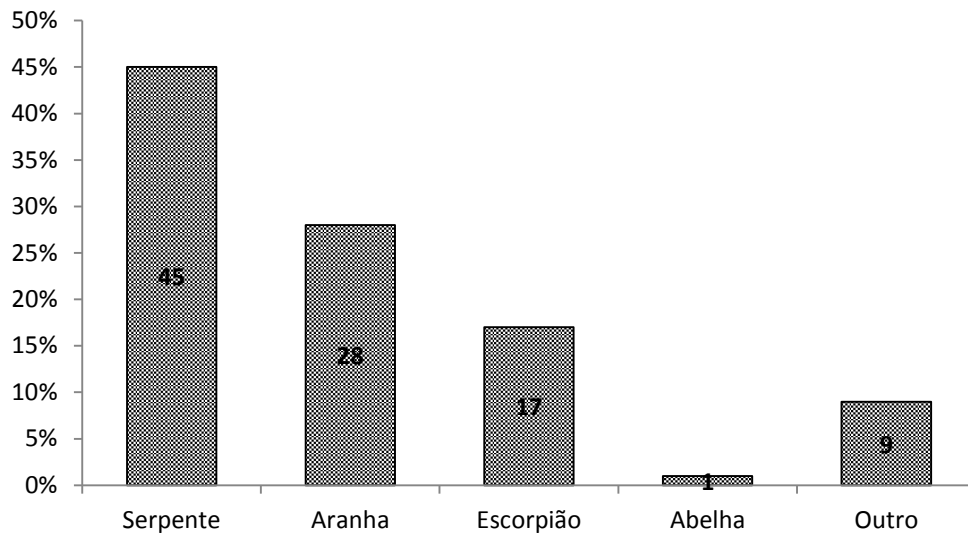


Figura 04 – Frequência absoluta dos encontros com animais peçonhentos. Fonte: dados da pesquisa

Podemos observar através destes resultados que a maioria dos entrevistados considera as serpentes como animal peçonhento, principalmente pelo perigo que o animal representa para denominá-lo como peçonhento, deixando assim animais como abelhas fora da lista de animais venenosos. Desta forma podemos observar no gráfico que apenas um entrevistado afirmou ter se deparado com abelhas durante as entrevistas, mostrando assim que os demais não consideram estes animais como peçonhentos.

Ao se depararem com este tipo de animal, os entrevistados tiveram diversas reações diferentes, sendo que muitos, dependendo do animal e da quantidade de encontros, esboçaram mais de uma reação, como mostra a tabela 1:

Tabela 01 - Reações dos entrevistados ao encontrarem animal peçonhento

Reação	Número de respostas
--------	---------------------

Matar	27
Passar longe	10
Fugir	5
Pedir ajuda	4
Afugentar	4
Sem reação	18

A preferência por matar o animal pode acontecer devido a algumas lendas que condenam esses animais, como acrescenta Salles e Cunha (2007), afirmando ainda que por matarem estes animais as pessoas causam um desequilíbrio ecológico visto que estas espécies são relevantes para manutenção do equilíbrio ambiental.

Podemos considerar que esta matança vem diminuindo o número destes animais ao longo dos anos, e 80% dos entrevistados concordaram com este fato ao serem questionados, sendo que alguns apontaram o avanço da população como principal responsável, assim como apontado no trabalho de Oliveira (2013), no qual 57,4% dos entrevistados afirmaram perceber a diminuição de animais peçonhentos principalmente pela matança. Porém o restante dos entrevistados afirmou ter notado um aumento ou não notar diferença alguma no número de animais, o que pode ser explicado pela questão levantada por Moreira (2014) na qual argumenta que o homem vem invadindo o ambiente destes animais com o aumento do desmatamento, desenvolvimento de áreas de plantio e urbanização, fazendo com que os mesmos invadam ou cheguem próximo das residências. Desta forma, o mesmo contingente de entrevistados afirmou uma notável redução dos casos de ataques por animais peçonhentos com o passar do tempo.

Quando perguntados sobre a ocorrência temporal dos ataques por animais peçonhentos a maioria dos entrevistados, 70%, indicaram que os acidentes são antigos, ocorridos com pessoas da família. Porém o restante não informou se os acidentes ocorrem mais atualmente, mas sim que ocorriam tanto no passado como

atualmente. Concordando assim com Oliveira (2013) quando afirma que 33,6% dos entrevistados afirmaram que os casos são antigos, e 24,6% afirmaram que os acidentes acontecem sempre.

A minoria dos entrevistados (30,18%) afirmou ter sofrido algum acidente com animais peçonhentos e/ou alguma pessoa da família, enquanto que 69,81% afirmaram nunca terem sofrido ataque de algum animal peçonhento, diferente do observado por Oliveira (2013), quando afirmou que 89,3% dos entrevistados afirmaram já ter sofrido acidente com animal peçonhento. Dos que sofreram ataque 87,5% das vítimas eram pessoas do sexo masculino, concordando assim com Lima et al. (2009) quando encontrou uma taxa de 53,1% dos ataques em pessoas do sexo masculino ao observar o perfil dos acidentes ofídicos no norte do estado de Minas Gerais, e também com Pinho et al. (2004), que encontrou uma frequência de 78,5% dos ataques em pessoas do gênero masculino. Um dos fatores de a maioria dos acometidos a este tipo de acidente ser do sexo masculino talvez seja a predominância do trabalho no campo, local susceptível a este tipo de evento, fazendo valer a afirmativa de Rojas et al. (2007) quando avaliou esta questão, objetivando caracterizar o quadro dos acidentes ofídicos na região noroeste de São Paulo relacionando-os às atividades biológicas das serpentes, este constatou que as circunstâncias dos acidentes mostravam que 56% dos agravos ocorreram durante atividade relacionada ao trabalho no campo.

Os percentuais dos ataques por animais peçonhentos, segundo relato dos entrevistados, são apresentados na figura 05:

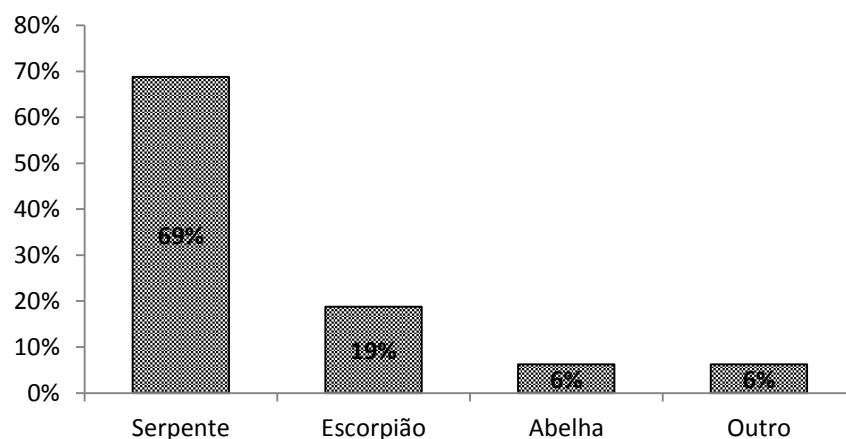


Figura 05 - Percentual de ataques por animais peçonhentos. Fonte: dados da pesquisa

Como pode ser observado na figura acima prevalece, portanto a predominância de serpentes, assim como em Oliveira (2013), que no seu estudo ainda apontou abelhas e marimbondos entre os principais animais envolvidos nestes ataques. Porém em nenhuma entrevista houve caso de óbito na família, diferente de Oliveira (2013), que registrou cinco óbitos na sua pesquisa.

Dentre as serpentes apontadas nos ataques foram identificados 9 animais, sendo 6 do gênero *Bothrops* (Jararaca), resultados semelhantes aos encontrados por Oliveira (2013), e também fazendo valer sua afirmação de que este gênero tem a capacidade de se adaptar aos diferentes tipos de ambientes, podendo ser encontrado em diversos locais. Os outros tipos de serpente indicados foram os gênero *Crotalus* (Cascavel) e *Micrurus* (Coral), também encontrado na pesquisa de Oliveira (2013). Também foram identificados dois escorpiões do gênero *Tityus* (escorpião amarelo) e abelha-italiana de acordo com o entrevistado, os demais animais não foram identificados. Os animais ditos como outros consistem em formiga e lacraia/lagarta de acordo com os entrevistados.

A maioria dos entrevistados, 65%, afirmou que os acidentes ocorreram durante suas atividades, aproximando-se do encontrado por Oliveira (2013) que encontrou um percentual de 78% para esta afirmativa. Porém, a grande maioria dos entrevistados afirmou não utilizar nenhum equipamento de proteção contra este tipo de acidente, o que pode favorecer o alto índice de ataques durante as atividades no campo.

As partes do corpo mais susceptíveis aos ataques de acordo com os entrevistados são pés/pernas seguidos pelas mãos, fazendo valer os dados observados por Lima et al. (2009) nos quais 35,9% dos ataques ocorreram nos membros inferiores. Um entrevistado ainda afirmou que qualquer parte do corpo pode ser atingida.

Os meses mais quentes e chuvosos, de acordo com Moreira (2014) são os que concentram maior quantidade de ofidismo (acidentes ocasionados por serpente), já de acordo com Silva et al. (2005) os meses de dezembro, janeiro e fevereiro são os que ocorrem um notável crescimento no número de escorpiões, aumentando assim o número de acidentes. Na presente pesquisa 70% dos

entrevistados afirmou que os ataques ocorreram no período chuvoso, concordando com a afirmativa de Moreira (2014) supracitada e tendo como justificativa o maior número de acidentes com serpente em relação aos demais.

Daqueles que afirmaram já terem sido vítima ou alguém da sua família de algum animal peçonhento, 37,5% afirmaram ter procurado ajuda médica (havendo internação em todos os casos), contrastando um pouco com os números encontrados por Oliveira (2013), que afirmou que 58% dos entrevistados procuraram ajuda médica. Todos os entrevistados afirmaram recomendar procura de auxílio médico para os amigos e familiares. Já 25% utilizaram receitas caseiras para tratar o envenenamento, demonstrando assim uso da medicina popular. As receitas utilizadas foram de quatro tipos: a base de alho; casca de limão; cabelo de milho (chá) e uma variedade de folhas medicinais (folhas verdes como: couve, espinafre e agrião, que segundo entrevistados desintoxica o organismo) sendo todas estas receitas utilizadas para tratar envenenamento ocasionado por serpentes. No estudo realizado por Oliveira (2013) também foram encontrados tratamentos com alho e com ervas e no estudo realizado por Azevedo e Kruel (2007) sobre plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro pode-se observar a presença do cabelo de milho. O uso destas plantas medicinais vem crescendo nas últimas décadas, assim como completa Azevedo e Kruel (2007), devido à necessidade de uma crescente população que busca uma maior diversidade e quantidade de plantas para serem utilizadas no cuidado da saúde.

O fato de cada vez mais pessoas estarem buscando métodos alternativos para alguns tipos de tratamento pode estar em consenso com o que afirma Azevedo e Kruel (2007) quando concluem que isto ocorre devido à vigente carência de recursos dos órgãos públicos de saúde e incessantes aumentos de preços nos medicamentos, sendo assim a Organização Mundial de Saúde estima que cerca de 80% da população mundial depende de plantas para o cuidado com a saúde e que 85% da medicina tradicional envolve o uso de plantas medicinais.

Apesar de os entrevistados que afirmaram terem feito uso de plantas medicinais garantirem o sucesso no tratamento, ainda é importante questionar os verdadeiros efeitos destes produtos no organismo, pois segundo Pinto e Maduro

(2003) tais medicamentos possuem propriedades químicas ainda pouco conhecidas e por isso precisam ser analisadas cientificamente para o seu correto uso.

Ainda com relação aos tipos de tratamento utilizados, 18,75% optaram por cuspir no local da picada e/ou na boca da pessoa acometida, aproximando-se de Oliveira (2013), onde 26% dos entrevistados relataram esse método de tratamento, sendo também todos os acidentes com serpentes. Já 6,25% disseram mascar fumo e colocar em cima do ferimento, novamente entrando em consenso com Oliveira (2013) no qual registrou que 9,8% utilizou o fumo para tratar o ferimento. Uma parte dos entrevistados (12,5%) afirmou não ter realizado nenhum tipo de tratamento depois de serem vitimados, talvez por não darem importância ao animal, abelha e escorpião neste caso, o que pode ser considerado um grande erro, visto que Cupo et al. (2003) em seu estudo sobre acidentes por animais peçonhentos (escorpiões e aranhas) nos traz a informação de que pessoas acometidas por picada de escorpião devem ficar sob observação hospitalar nas primeiras 4 a 6 horas após o envenenamento. Outras 12,5% das pessoas entrevistadas afirmaram terem lavado o local com água corrente, enquanto que mais 6,25% disseram que passaram álcool no local e ainda outras 6,25% colocaram pomada para queimadura sobre o ferimento, todos os tratamentos também foram relatados na pesquisa de Oliveira (2013), tendo todos percentuais abaixo de 8,5% em seu estudo.

Há também as crenças que fazem com que algumas pessoas utilizem partes de animais como amuletos ou medicamentos contra vários tipos de doenças, como um entrevistado que citou usar um dente de onça (que ele mesmo matou) como amuleto e outro que afirmou utilizar o chifre do boi contra mau olhado, e mais alguns que utilizam partes de animais como a banha da cascavel e do tatu-peba contra ferimentos e do teiu para dor de ouvido. A banha da cascavel e do teiu também foram citados por Oliveira (2013) em seu trabalho. A maioria dos entrevistados ainda afirmou recorrer a benzedeadas, alguns sempre e outros ocasionalmente, para tratar/evitar algum mal.

Dentre os fatores que podem estar associados a este déficit de procura por ajuda médica por parte de alguns entrevistados pode estar a localização onde acontecem os acidentes, locais onde não há acesso a postos de saúde, assim como afirma Albuquerque et al. (2004), em seu estudo sobre acidentes ofídicos na

Paraíba, quando afirma que a maioria dos acidentes ocorrem em zonas rurais remotas cujas vítimas não tem facilidade nos acessos aos postos de saúde.

6. Considerações finais

O aparecimento de animais peçonhentos na zona rural de Uiraúna – PB é bastante frequente, e ataques também ocorrem em uma significativa quantidade de ocasiões. Porém vemos algumas atitudes de moradores que podem causar danos tanto aos animais quanto às próprias pessoas, como tentar matar ou afugentar o animal. Já outras pessoas tomam atitudes mais contudentes como se afastar ou buscar ajuda, evitando assim um possível ataque.

Quanto à busca por tratamento podemos observar que alguns dos entrevistados optam por tratamentos alternativos, principalmente através de plantas, para curar as enfermidades. Estes tratamentos, apesar de quem fez uso afirmar que funcionam, devem ser analisados com mais critérios, visto que podem não combater totalmente a intoxicação ou promover algum efeito colateral.

Os dados apresentados mostram a necessidade de implantação de ações do poder público e/ou sociedade civil organizada no sentido de capacitar as pessoas para tomada de atitudes conscientes no tocante ao encontro e/ou ataque de um animal peçonhento. Além de orientações em escolas e unidades básicas de saúde para que as pessoas compreendam que animais peçonhentos não se restringem somente as serpentes, escorpiões e aranhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Uso de recursos vegetais da Caatinga: O caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciencia**, Caracas, v. 27, n. 7, p. 336-346, jul. 2002.

ALBUQUERQUE, H. N.; COSTA, T. B. G.; CAVALCANTI, M. L. F.. Estudo dos Acidentes Ofídicos Provocados por Serpentes do Gênero *Bothrops* Notificados no Estado da Paraíba. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Sergipe, v.5, n.1, 1º semestre. 2004.

ANÉAS, C. S. C. et al. Conhecendo as dissertações e teses sobre etnobiologia e comunidades indígenas: uma contribuição para o ensino de biologia. In: Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia, 5, 2011, Londrina-PR. **Anais...** Londrina-PR, 2011.

AZEVEDO, V. M.; KRUEL, V. S. F. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas norte e sul. **Acta Botânica Brasileira**, São Paulo, v. 21, n. 2, p.263-275, set. 2007.

BARROS, J. D. de S.. Etnobiologia, etnoconhecimento e o conflito no uso dos recursos naturais. In: SEABRA, G. (org). **Educação ambiental: Conceitos e aplicações**, João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, p.187-195.

BARROS, J. D. S. et. al. Aspectos socioeconômicos na microbacia hidrográfica do riacho val paraíso - PB – BRASIL. **Rev. Des. Regional**, Santa cruz do sul, v. 19, n. 1, p. 169-187, jan/abr 2014.

BOCHNER, R.. **Acidentes por animais peçonhentos: Aspectos históricos, epidemiológicos, ambientais e sócio-economicos**, 2003. 153 f. Tese (Doutorado em saúde pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro, 2003.

BRAZIL, T. K; et al. Aranhas de importância médica do estado da Bahia, Brasil. **Gazeta medica da Bahia**, Salvador, v.79, p. 32-37, maio. 2009.

CAGLIARI, M. P. P.; et al. Perfil epidemiológico dos acidentes ofídicos notificados no centro de atendimento toxicológico de Campina Grande, Paraíba. In: **Encontro latino americano de iniciação científica, 12, São José dos Campos – SP. Anais...** São José dos Campos: UNIVAP, 2008.

CAMPOS, C. H.; et al. **Convivência com o semiárido brasileiro: autonomia e protagonismo social**, Brasilia: Editora IABS, 2013, 209p.

CÂNDIDO, D. M.. **Escorpiões: ocorrência de espécies de importância médica, acidentes no estado de São Paulo, obtenção de veneno e manutenção em**

cativeiro, 2008, 67 f. Dissertação (mestrado em pesquisas laboratoriais em saúde pública), São Paulo, 2008.

CEZAR, M. F.; et al. Avaliação de parâmetros fisiológicos de ovinos Dorper, Santa Inês e seus mestiços perante condições climáticas do tropico semiárido nordestino. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v.28, n3, p.614-620, mai/jun. 2004.

CHENET, D. C. et al. Incidência de aranhas de importância em saúde pública em curitibanos, Santa Catarina. **Revista Ciência & Saúde**, Porto Alegre, v.2, n.1, 25-29, jan/jun. 2009.

CIRILO, J. A. Políticas Publicas de recursos hídricos para o semiárido. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.22, n. 63, p.61-82, 2008.

COSTA-NETO, E. M. Os moluscos na zooterapia: medicina tradicional e importância clínico-farmacologica. **Biotemas**, Santa Catarina, v. 19, n.3, p.71-78, set. 2006.

COSTA-NETO, E. M. Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios pankararé que habitam no nordeste do estado da Bahia, Brasil. **Actual Biol**, Medellin, v. 21, n. 70, p.69-79, mar. 1999.

COSTA, T. B. G. da. **Estudo de acidentes ofídicos provocados por serpentes do gênero *Bothrops* notificados no estado da Paraíba**, 2004. 68 f. Monografia (título de graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2004.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. Projeto cadastrado de fontes de abastecimento por água subterrâneas. Diagnostico do município de Uiraúna, estado da Paraíba. Recife: CPMR/PRODEEM, 2005.

CUPO, P.; et al. Acidentes por animais peçonhentos: Escorpiões e Aranhas. **Medicina**, Ribeirão Preto, v.36, p.490-497, abr./dez. 2003.

FEHLBERG, M. F.; SANTOS, I. dos; TOMASI, E. Prevalência e fatores associados a acidentes de trabalho em zona rural. **Saúde Pública**, São Paulo, v.35, n.3, p. 269-275, Janeiro, 2001.

LIMA, J. S.; et. Al. Perfil dos acidentes ofídicos no norte do estado de Minas Gerais, Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba, v.42, n.5, p. 561-564, set/out. 2009.

MEDEIROS, P. M. de; et al. Conhecimento e uso de plantas em contextos de migração. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de (org). **Introdução à Etnobiologia**, Recife: NUPEEA, 2014. 158 p.

MINEO, M. F.; et al. Repertorio comportamental do escorpião amarelo *Tityus Serrulatus* Lutz e Mello 1922 (Scorpiones, Buthidae) em cativeiro. **Revista brasileira de Zoociências**, Juiz de Fora, v.5, n.1, p.23-31, jul. 2003.

MOREIRA, J. P. L.; MORATO, Rubia Gomes. Incidência e ocorrência de ataques ofídicos no Brasil em 2012. In: Simpósio Mineiro de Geografia, 1, 2014. Alfenas-MG. **Anais...** Alfenas-MG:UFA, 2014. Online.

NOVAIS, T.S; et al. Atividade antibacteriana em alguns extratos de vegetais do semiárido. **Revista Brasileira de Farmacologia**, Curitiba, v. 13, p. 5-8, 2003.

OLIVEIRA, H. F. A. de; COSTA, C. F. da; SASSI, R. Relatos de acidentes por animais peçonhentos e medicina popular em agricultores de Cuité, região do Curimataú, Paraíba, Brasil. **BrasEpidemiol**, São Paulo, v. 16, p. 633-643, 2013.

OLIVEIRA, R. R. et. al. Desertificação e degradação ambiental: Percepção dos agricultores no município de Cachoeira dos Índios/PB. **POLÊMICA**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 244-251, abril/junho 2012.

PAES, J. B.; et al. Resistencia natural de nove madeiras do semiárido brasileiro a fungos xilófagos em condições de laboratório. **Árvore**, Viçosa, v. 28, n. 2, p. 275-282, abr. 2004.

PINHO, F. M. O. et. al. Acidente Ofídico no Estado de Goiás. **Revista Associação Medica Brasileira**, São Paulo v. 50, n.1, p.93-96, 2004.

PINTO, A. A. da C.; MADURO, C. B. Produtos e subprodutos da medicina popular comercializados na cidade de Boa Vista, Roraima. **Acta Amazônica**, Manaus, v.33, n.2, p.281-290, 2003.

POSEY, D. A. Introdução – Etnobiologia: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, B. (org.) **SUMA etnológica brasileira (1-etnobiologia)**. Petrópolis: vozes; FINEP, 1986, p.15-25.

ROJAS, C. A.; GONÇALVES, M. R.; ALMEIDA-SANTOS, S. M. Epidemiologia dos acidentes ofídicos na região noroeste do estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira Saúde e Produção Animal**, Salvador, v.8, n.3, p.193-204, jun./set. 2007.

SALLES, R. de O. L.; CUNHA, A. M. da. Biologia, prevenção e primeiros socorros em acidentes com animais peçonhentos: Um trabalho com turmas do ensino fundamental. In: Encontro Regional de Ensino de Biologia, 4, 2007. Seropédica-RJ. **Anais...** Seropédica-RJ:UFRJ, 2007.

SANDRIN, M. de F. N.; PUORTO, G.; NARDI, R.. Serpentes e acidentes ofídicos: Um estudo sobre erros conceituais em livros didáticos. **Investigação em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 10, p. 281-298, 2005.

SANTOS, C. A. C. dos; BRITO, J. I. B. de. Análise dos índices de extremos para o semiárido do Brasil e suas relações com TSM e IVDN. **Revista Brasileira de Meteorologia**, Campina Grande, v.22, n.3, p.303-312, jun. 2007.

SANTOS, M. G. dos et al. Conhecimento e uso da medicina alternativa entre alunos e professores de primeiro grau. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 3, p.221-227, abr. 1995.

SILVA, C. de M. de S. et al. **Semiárido piauiense: Educação e contexto**, 1ªed. Campina Grande: Triunfal gráfica e editora, 2010, 236p.

SILVA, M. L. V. da et al. A zooterapia no Recife (Pernambuco): Uma articulação entre as praticas e a historia. **Biotemas**, Santa catarina, v. 17, n. 1, p.95-116, nov. 2003.

SILVA, S. T. da, et al. **Escorpiões, Aranhas e Serpentes**: aspectos gerais e espécies de interesse medico no Estado de Alagoas. Maceio-AL: EDUFAL, 2005. 55p.

SZILAGYI, V. J. et al. Distribuição especial de indivíduos adultos e juvenis de escorpião *Tityus serrulatos* e *Tityus Bahiensis* (BUTHIDAE) em ambiente urbano, Campinas, SP. In: Congresso de Ecologia do Brasil, 8, 2007, Caxambu-MG. **Anais...** Caxambu-MG, set. 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS E MEDICINA POPULAR EM DOMICÍLIOS NA ZONA RURAL DE UIRAÚNA-PB, coordenado pelo professor Dr. José Deomar de Souza Barros e vinculado a UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo Investigar a ocorrência de acidentes envolvendo animais peçonhentos e a utilização da medicina popular no tratamento das pessoas acometidas na zona rural de Uiraúna-PB e se faz necessário, pois fornecerão dados que poderá contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas para a região do estudo. Tendo em vista que até então não há pesquisas realizadas sobre a ocorrência de acidentes com animais peçonhentos e medicina popular em Uiraúna - PB. Os conhecimentos sobre prevenção e tratamento de pessoas que foram vítimas de ataques de animal peçonhento, bem como a forma de agir ao se encontrar com um ser com essa característica são de fundamental importância, principalmente para quem vive na zona rural, para a convivência entre o ser humano e estes animais.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: irá responder as questões constantes no questionário da pesquisa. Os riscos envolvidos com sua participação são: poderá haver desconforto em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que possa se sentir incômodo em falar. Como medida mitigadora o sujeito da pesquisa não precisa responder a qualquer pergunta, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar. Os benefícios da pesquisa serão: a pesquisa irá permitir diagnosticar o perfil socioeconômico das pessoas residentes nas comunidades rurais, identificar as principais ocorrências com animais peçonhentos, os animais peçonhentos encontrados na região e as formas de tratamentos tradicionais provenientes do conhecimento popular.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a José Deomar de Souza Barros, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: José Deomar de Souza Barros

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo S/N – Casas populares. Cajazeiras – PB.

Telefone: (83) 3532 - 2111

Email: deomarbarros@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras – PB, 20 de novembro de 2014

Assinatura ou impressão
datiloscópica do(a) voluntário(a)

José Deomar de Souza Barros

APÊNDICE B – formulário aplicado junto aos moradores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

FORMULÁRIO

1. Sexo M () F () - Idade _____ Escolaridade _____

2. Renda Mensal:

a. Menos de um salário mínimo ()

b. Um salário mínimo ()

c. Até dois salários mínimos ()

d. Mais de dois salários mínimos ()

3. Na sua concepção o que são animais peçonhentos?

4. Que animais você conhece como peçonhentos?

() serpente/cobra () abelha

() escorpião () marimbondo

() aranha () outro _____

5. Já se deparou com algum animais peçonhento? Qual?

6. Caso a resposta acima for positiva, qual sua reação ao encontrar o animal?

7. Já foi atacado por um animal peçonhento? Qual?

8. Se a resposta acima for positiva, que tipo de tratamento você utilizou?

9. O tratamento utilizado foi eficaz?

10. Por qual motivo você optou pelo tratamento utilizado?

11. Se observa redução no número de animais peçonhentos? Por que?

12. Se observa redução dos casos com o passar do tempo?

13. Qual tipo de animal houve acidente (identificar o animal)?

14. Os acidentes ocorrem no desenvolvimento de suas atividades?

15. Utilizam algum EPI para evitar os acidentes?

16. Qual região do corpo é mais atingida pelos acidentes?

17. Os acidentes ocorreram no período chuvoso ou de estiagem?

18. Os relatos de acidentes são atuais ou antigos?

19. Houve internação?

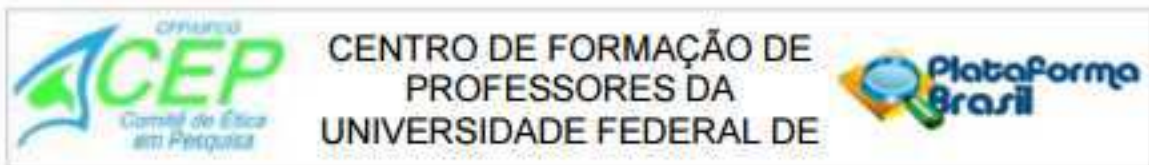
20. Recomenda para os conhecidos e familiares?

21. Utilizam alguma parte do animal como amuleto?

22. Utilizam alguma parte do animal no tratamento de doenças? Quais?

23. Recorreu a benzedeadas?

ANEXO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS E MEDICINA POPULAR EM COMUNIDADES RURAIS DE UIRAÚNA-PB

Pesquisador: José Deomar de Souza Barros

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 43025115.0.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.171.883

Data da Relatoria: 25/03/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa intitulado ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS E MEDICINA POPULAR EM COMUNIDADES RURAIS DE UIRAÚNA-PB, 43025115.0.0000.5575 e sob responsabilidade de José Deomar de Souza Barros trata de um estudo que pretende quantificar acidentes por animais peçonhentos em comunidades rurais.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar a ocorrência de acidentes envolvendo animais peçonhentos e a utilização da medicina popular no tratamento das pessoas acometidas na zona rural de Uiraúna-PB.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios do projeto de pesquisa foram especificados adequadamente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS E MEDICINA POPULAR EM COMUNIDADES RURAIS DE UIRAÚNA-PB é importante e os métodos especificados estão adequados à proposta do trabalho.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos estão apresentados de forma adequada. O autor da pesquisa José Deomar de

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

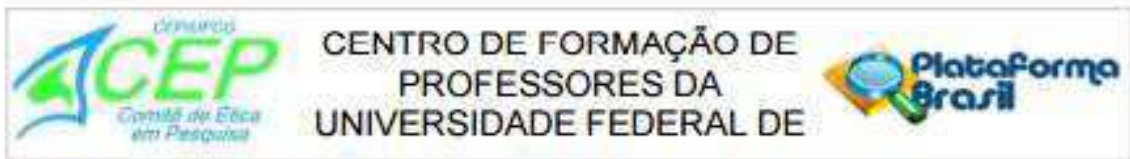
CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@ctf.ufcg.edu.br



Continuação do Parecer: 1.171.885

Souza Barros redigiu e apresentou de forma correta os seguintes itens: Termo de Consentimento Livre e Espontâneo, folha de rosto, carta de anuência, cronograma, orçamento e demais documentos necessários à aprovação do projeto de pesquisa.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando o que foi exposto, sugerimos a APROVAÇÃO do projeto ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS E MEDICINA POPULAR EM COMUNIDADES RURAIS DE UIRAÚNA-PB, número 43025115.0.0000.5575 e sob responsabilidade de José Deomar de Souza Barros.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

CAJAZEIRAS, 05 de Agosto de 2015

**Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador)**

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
 Bairro: Casas Populares CEP: 58.900-000
 UF: PB Município: CAJAZEIRAS
 Telefone: (83)3532-2075 E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br